

A ÓRBITA DO INSÓLITO

Aureo Guilherme Mendonça
e-mail: aureogui@click21.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/21725986>

Começo pensando nos sinais e o quanto estão impregnados no cotidiano, definindo atitudes e alicerçando boa parte do campo cognitivo. Enredar pelas ruas das cidades é percorrer um decodificador transitivo e definidor do estado de sobrevivência dos indivíduos. São sinais mutantes, que tangenciam a fronteira fluida de real e ficção. Os celulares são partes e/ou passaportes desse meridiano planômano, instrumento extensor que coabita mundos diversos. Portar o aparelho é a garantia de nossa mutação para o universo dos seres biomaquínicos, a nossa passagem da era analógica à digital. A presença passa a ter uma significação que extrapola toda noção clássica do real; somos seres não apenas metamórficos, mas ungidos pela plenitude da ubiquidade.

Todo esse plasmar tecnológico, do qual o celular é apenas uma fração, nos convida a refletir acerca das inferências desse processo sobre a liberdade dos indivíduos. Para Guattari,

As evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios, são talvez capazes de nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma era pós-mídia, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia. (Acesso aos bancos de dados, às videotecas, interatividade entre os protagonistas etc...) (GUATTARI. 1992, p. 16).

Há um campo aberto às experimentações e de transfiguração do conteúdo das utopias modernas. Hoje buscamos no âmbito tecnológico uma parte do que o marxismo defendeu sob a égide da luta de classes. Se apropriar de frações importantes do universo midiático pode representar um grande avanço em nossas difíceis relações com o grande capital. Existe ainda a possibilidade de revertermos os sinais **opressores** da mídia em sinais de libertação, de desalienação dos indivíduos.

O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se re-singularizar. (GUATTARI, p. 17)

A expressão **re-singularizar** simboliza de modo perfeito estas novas relações dos seres com o mundo, mediadas por equipamentos maquínicos que despertam o universo corpóreo para experiências inusitadas e difíceis de serem reveladas pelos processos tradicionais. Lígia Clark e Hélio Oiticica já haviam percebido a importância da interação com esse mundo sensorial para libertar os indivíduos de suas múltiplas celas cotidianas e fazê-los crer na possibilidade das asas.

O capitalismo pós-industrial se, por um lado, homogeneizou o mercado mundial a partir de um conceito bem particular de globalização, por outro lado, liberou um processo altamente diversificado nos condutos do ciberespaço. As possibilidades de expressão no interior da informática são infinitas e a arte parece estar ainda no início da caminhada na utilização que faz desses meios. Tanto individualmente, quanto em grupos, as pessoas se assenhoram, de modo crescente, desse espaço que se democratiza a despeito das inúmeras tentativas de controle da rede (a recente querela entre o Google e o governo da China é um exemplo desse tipo de impasse).

Cada tecnologia suscita questões relativas à sua consistência enunciativa específica que, em última instância, se articula com a produção discursiva de uma sociedade em um determinado momento. As mutações e rupturas tecnológicas devem ser avaliadas em funções de duas tendências: a tendência à homogeneização universalizante (territorialização) e a tendência à heterogeneização singularizante (desterritorialização) da subjetividade. (PARENTE. 2001, p. 15)

Olhar para o interior desse processo é como visualizar um corpo em gestação; em suas formas ainda embrionárias verificamos inclusive os frutos de má formação, o que não deveria suscitar suspeitas de prováveis perigos rondando os incautos de plantão. A arte contemporânea tem transpassado muitas vezes esse universo de pixels e dado uma contribuição cada vez mais significativa à construção de um imaginário dessa tecnologia cibernética. O olhar do artista tem buscado esses sinais que habitam uma linguagem pós-humana, bio-maquínica, desvelando um mundo cuja complexidade e incompletude insiste em se manter indecifrável, contrariando as postulações do cientificismo cartesiano sempre em prontidão para exarar conceitos limpos e exatos. A tecnologia gerou seus próprios paradoxos que a arte, dia-a-dia, revela.

No que se refere à criação, os artistas estão entendendo a forte dimensão corpórea da arte interativa e, com sua imaginação, propondo mundos com vida própria nos quais a imprevisibilidade, a caoticidade, a reordenação dos circuitos lógico-digitais geram situações

de emergência de mundos. São mundos em autopoiesis, mostrando a vida como ela poderia ser, num sentir tecnologizado. Esse tipo de construção de mundos demanda uma grande capacidade criativa que está além de alguns posicionamentos de artistas e métodos científicos ortodoxos. Devem ser pensadas situações além das interfaces, onde o corpo está amplificado em relação ao cosmos e seus processos de auto-regeneração. Nas criações, exploram-se limites nos quais o mágico, o sensível, o inesperado, o imprevisível, o efêmero, a auto-regeneração alimentam o imaginário e o desejo humano de sonhar. (DOMINGUES. 2003, ps. 97/98)

Como no espelho de Lewis Carroll, transpassamos de um mundo ao outro pela intermediação da arte nos condutos da virtualidade maquínica. As infinitas possibilidades que se descortinam se assemelham também à energia cósmica, pois são os mesmos movimentos irregulares, assimétricos, caóticos que brilham nos monitores. Falar de universo cibernético não se trata, pois, de um cacoete metafórico mas da duplicação de um sentido, pois a tessitura desses novos meios tecnológicos parece repetir o mesmo sentido de profundidade, os mesmos buracos negros e, por isso mesmo, gerando sentimentos de perdas de muitos dos nossos avatares que se arriscam por regiões inexploradas dos espaços dessa virtualidade. E nesse caminho podemos vir a perceber que a perdição pode estar na parte rasa do corpóreo e chegarmos à conclusão de que a *flor da pele* é um mergulho nas profundezas do sensível.

Não, as singularidades não são aprisionadas em indivíduos indiferenciados, profundidade sem fundo, quando desfazemos o indivíduo e a pessoa. O que é impessoal e pré-individual são as singularidades, livres e nômades. O que é mais profundo do que todo o fundo é a superfície, a pele. (DELEUZE. 1974, p. 143)

Essa arte é uma verdadeira ponta de lança que penetra naquelas zonas que sempre foram circunscritas como terreno do inexpugnável e abre fronteiras para experiências sensórias que transformam o campo perceptivo dos sujeitos envolvidos no processo. Uma análise mais detida remete ao reconhecimento de estarmos vivendo um processo de transição que ousa nomear de *órbita do insólito*, pelas peculiaridades ainda movediças e enigmáticas de suas partes constitutivas. E esse estado metamórfico tem um poder diáfano de trazer novas luzes sobre nossa percepção, ampliando o conhecimento científico a partir do uso que fazemos de toda a tecnologia colocada à nossa disposição. Autopoiesis em uma dimensão poucas vezes alcançada por pesquisadores e/ou artistas. Arte e ciência interagindo de forma profícua para ambas, em sintonia com os meios

tecnológicos e ambicionando ampliar cada vez mais os espaços desse universo que parece produzir uma expectativa de permanente capacidade de inovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DOMINGUES, Diana (Org.). *A arte no século XXI – A humanização das tecnologias*. São Paulo: Unesp, 1997.

_____. *A arte no século XXI – Tecnologia, ciência e criatividade*.

FOSTER, Hal. *Le retour du réel*. Bruxelas: La lettre vollé, 2005.

GUATTARI, Félix. *Caosmose – um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

PARENTE, André (Org.). *Imagem máquina*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

SOBRE O AUTOR

Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Rosemar Pimentel, possui Mestrado pela Escola de Belas Artes da UFRJ e Doutorado em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da UFRJ. Atualmente é Professor Adjunto no Curso de Produção Cultural no Pólo Universitário de Rio das Ostras da UFF, atuando na área de Teoria e Crítica de Arte.